

# Mais do que um gestor de números: como deve ser o contador de 2025

A facilidade com números e o gosto pelos cálculos faz com que todos os anos centenas de estudantes ingressem no curso de Ciências Contábeis no Brasil

Dados divulgados em 2019 pelo Inep mostravam que o curso era o 4º mais procurado do país, com cerca de 362 mil matriculados. Além disso, em 2015, por exemplo, 42.483 pessoas se formaram em Ciências Contábeis.

Com uma taxa de empregabilidade de 60,5%, segundo o Ipea, o setor é considerado promissor e sempre relevante. Entretanto, o papel do contador evoluiu muito além do registro e acompanhamento das movimentações financeiras. Nos dias de hoje, principalmente com a evolução das tecnologias e da Inteligência Artificial, o contador completo é aquele que alia conhecimentos multidisciplinares, visão consultiva e proatividade para contribuir com a saúde financeira e estratégica das empresas.

O especialista em Governança Corporativa e CEO da Digiwork Inteligência Contábil, Rafael Mafra, afirma que a função de apenas “olhar para trás” e registrar os dados deixou de ser suficiente. “O contador precisa olhar para frente, analisar cenários e antecipar desafios e oportunidades”, destaca.



**O novo perfil do contador** - O contador moderno é mais do que um gestor de números; ele é um estrategista. Além de registrar os dados financeiros, deve ser capaz de criar cenários e orçamentos empresariais, identificar discrepâncias entre números contábeis e operacionais, como vendas por setor ou devoluções por produto, analisar inconformidades e sugerir melhorias nos processos internos.

“Isso significa compreender que a contabilidade é reflexo do passado, mas pode ser usada para prever e moldar o futuro da organização”, assegura, ao destacar que o principal desafio para um contador é a formação multidisciplinar. “Como muitos

contadores vêm de áreas específicas, como auditoria ou consultoria, integrar diferentes saberes pode ser complexo. Além disso, habilidades como retórica, argumentação e liderança de equipes especializadas são indispensáveis”, afirma Mafra,

Para ele, outro ponto desafiador é entender profundamente os impactos que erros operacionais, como falhas em compras, vendas ou logística, podem causar no balanço patrimonial. Sem esse conhecimento, o contador torna-se um mero espectador, incapaz de justificar ou corrigir variações nos resultados. Por isso, dominar os processos internos da empresa permite ao contador atuar de forma preventiva e consultiva.

Por exemplo, ao identificar altos custos e prejuízos recorrentes, ele pode investigar políticas de compras, critérios de estoque e autorizações de despesas. Essas análises podem evitar a repetição de padrões financeiros prejudiciais e sugerir mudanças que aumentem a competitividade da empresa.

Já a visão consultiva, outra habilidade indispensável, é construída com experiência prática, estudo constante e vivência em diferentes mercados, afirma o CEO da Digiwork. Para ele, o contador que transita por negócios de diferentes portes e segmentos adquire um repertório que lhe permite antecipar problemas e sugerir soluções adequadas à realidade da empresa.

“Para ser considerado completo, o contador deve dominar conceitos de direito empresarial, leis de sociedades anônimas, falências, direito trabalhista e tributário. Como a contabilidade se baseia em legislações específicas, ignorá-las compromete a análise e a entrega de soluções eficazes”, finaliza Mafra. - Fonte: (<https://www.digiworkcontabil.com.br/>).

## Quatro tendências do mercado financeiro para 2025

Jorge Iglesias (\*)

*O mercado financeiro segue em evolução, impulsionado por avanços tecnológicos, mudanças regulatórias e novas demandas dos clientes*

Para 2025, espera-se que o setor continue sua trajetória de transformação, moldado por quatro tendências principais:

**1) Expansão da inteligência artificial e machine learning** - A inteligência artificial (IA) e o machine learning continuarão a revolucionar o mercado financeiro. Essas tecnologias já são amplamente utilizadas em análises preditivas, detecção de fraudes e personalização de serviços, mas em 2025 veremos uma integração ainda maior.

Soluções de IA serão capazes de oferecer insights financeiros em tempo real, ajudando investidores a tomar decisões mais rápidas e assertivas. No varejo bancário, assistentes virtuais evoluídos personalizarão a experiência do cliente, aumentando a retenção e a satisfação.

**2) Crescimento das fintechs e embedded finance** - O número de fintechs não para de crescer, e a integração de serviços financeiros em plataformas não financeiras – o chamado embedded finance – será uma das maiores forças do setor. Com APIs abertas e regulamentações como o Open Finance, empresas de diferentes segmentos, como varejo e saúde, poderão oferecer serviços financeiros diretamente em suas plataformas.

Isso trará conveniência para os consumidores e desafios para os bancos tradicionais, que precisarão se adaptar para competir com soluções mais ágeis e centradas no cliente.

**3) Uso de blockchain e criptoativos** - O blockchain está deixando de ser visto apenas como a base das criptomoedas para se tornar uma tecnologia central em processos financeiros. Em 2025, espera-se uma maior adoção para operações de pagamentos, contratos inteligentes e até emissão de títulos.

Ao mesmo tempo, os criptoativos ganharão maior destaque, com governos e instituições financeiras desenvolvendo suas próprias moedas digitais e estabelecendo regulações claras para proteger consumidores e atrair investidores institucionais.

**4) Inclusão financeira por meio da digitalização** - A digitalização continuará a promover a inclusão financeira, especialmente em mercados emergentes. O uso crescente de smartphones e a redução de custos tecnológicos permitirão que mais pessoas tenham acesso a serviços bancários e de crédito.

Empresas do setor financeiro investirão em ferramentas acessíveis para atender populações anteriormente excluídas, ampliando a base de clientes e contribuindo para a redução das desigualdades. As tendências para 2025 apontam para um mercado financeiro cada vez mais tecnológico e centrado no cliente.

A inovação será essencial para empresas que desejam se manter competitivas, e a colaboração entre bancos, fintechs e reguladores será fundamental para moldar um futuro mais inclusivo e dinâmico. Organizações que abraçarem essas mudanças e liderarem em áreas como IA, estarão mais bem posicionadas para prosperar nesse novo cenário.

(\*) - É CEO da Topaz (<https://www.topazsystems.com/>).

## A jornada da descarbonização da indústria têxtil e de confecção

Fernando Valente Pimentel (\*) e Camila Zelezoglo (\*\*)

O recente lançamento da Liga de Descarbonização pela Abit (Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção) marca um passo significativo no percurso do setor em sua jornada, cada vez mais enfática, rumo à produção e consumo sustentáveis. Tal movimento apresenta um cenário promissor para o futuro da moda e alinha a atividade às exigências globais de redução de emissões de gases de efeito estufa.

Também contribui para o posicionamento do Brasil como líder emergente na agenda das mudanças climáticas. Diferentes estimativas apontam que a cadeia de valor da moda responde globalmente por 2% a 8% das emissões totais. No entanto, sabemos que a China – maior produtor têxtil e de confecção no ranking mundial – é responsável por grande parte dessas emissões, porque sua matriz energética é baseada em combustíveis fósseis, em particular o carvão.

O Brasil apresenta condições únicas, que o colocam em posição privilegiada quanto às emissões globais. Com matriz energética predominantemente renovável, composta majoritariamente por hidrelétricas, e com avanços notáveis em geração eólica e solar, tem um ativo ambiental incomparável.

Atualmente, de acordo com o Balanço Energético Nacional, 74% das energias consumidas pela indústria têxtil e de confecção brasileira são de origem renovável, sendo 67% provenientes da eletricidade e 7%, de biomassa. O gás natural representa 21% do consumo do setor. É neste último item que se faz necessária avaliação de possibilidades de substituição para redução de emissões.

A legislação nacional, aliada à nossa matriz energética limpa, proporciona um diferencial competitivo crucial para a indústria têxtil e de confecção, que deve aproveitar essas vantagens para se consolidar no mercado global, o qual demanda de maneira crescente responsabilidade socioambiental dos produtos consumidos.

Nesse sentido, também cabe mencionar que o setor conta com cerca de quatro mil empresas certificadas, que garantem práticas socialmente justas e responsáveis. Ademais, o Brasil também é detentor da maior safra de algodão certificado do mundo.

Para se destacar no mercado nacional e global, as empresas precisam investir em inovação e tecnologia e garantir



uma governança eficaz e um engajamento real na agenda de sustentabilidade. A pressão por transparência e o combate ao greenwashing são pontos críticos que exigem atenção contínua.

A Liga de Descarbonização é um passo nessa direção, já que incentiva as empresas do setor têxtil e de confecção a publicarem seus Inventários de Gases de Efeito Estufa. Estas são importantes ferramentas de identificação de possibilidades de redução das emissões, seja por meio da adoção de novas tecnologias ou aumentando a eficiência no uso de recursos para produção.

No horizonte, a 30ª Conferência das Partes das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (COP 30), que ocorrerá em Belém do Pará, em novembro de 2025, representa uma oportunidade ímpar para demonstrar o comprometimento do país com a redução das emissões de gases de efeito estufa. Será um importante espaço para evidenciar os diferenciais da indústria têxtil e de confecção brasileira.

A jornada rumo à sustentabilidade é oportunidade única para o setor. Com um histórico de compromisso ambiental, arcabouço regulatório adequado e uma posição estratégica, o Brasil tem tudo para liderar globalmente essa agenda, mostrando ao mundo que a combinação de tradição e inovação pode resultar em uma indústria têxtil e de confecção cada vez mais responsável e alinhada aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e aos princípios da governança ambiental, social e corporativa (ESG).

(\*) - É diretor-superintendente e presidente emérito da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (Abit).

(\*\*) - É coordenadora de Sustentabilidade e Inovação da Abit.

